

Exemplo:

312 CÂMARAS DE CINEMA
 Outro TE CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS 313
 TR CINEMA 895

.....

.....

315 CÂMARAS SUBAQUÁTICAS
 313 CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS
 Outro TG CÂMARAS DE CINEMA 312

.....

.....

9.4. Apresentação gráfica

9.4.1. Neste tipo de apresentação, os termos de indexação e as suas relações são dispostas numa figura a duas dimensões que permite ao indexador ou utilizador dispor de toda uma gama de termos e suas relações. Existem várias formas de apresentação gráfica nos tesouros publicados, mas podem identificar-se dois tipos principais:

- a) estruturas arborescentes;
- b) esquemas em flecha.

9.4.2. Um tesouro que inclua uma apresentação gráfica deve comportar duas partes:

- a) Apresentação gráfica

A apresentação gráfica propriamente dita é, por norma, limitada unicamente aos descritores, uma vez que este formato não se adapta facilmente às notas explicativas, sinónimos, etc. Esta forma de apresentação é identificada por um símbolo, por exemplo um número ou um elemento de notação hierarquicamente significativo. Não é necessário atribuir símbolos a cada termo, individualmente, apesar da posição de um termo no gráfico poder ser indicada por um sistema de coordenadas, como a seguir se descreve. Os símbolos utilizados para identificar as apresentações gráficas servem também como endereços no índice alfabético.

- b) Índice alfabético

O índice alfabético contém as notas explicativas e as relações de equivalência e pode também incluir as relações hierárquicas e associativas. Os índices usados como exemplos [vejam-se figuras 3b) e 4b)] diferem na maneira como tratam as relações hierárquicas:

- 1) o índice da estrutura arborescente [figura 3b)] não indica relações hierárquicas;
- 2) o índice do esquema em flecha inclui não só notas explicativas, etc., mas também as relações hierárquicas.

Quando a parte alfabética contém em proporção maior número de informações (definidoras e relacionais), funciona como a parte principal do tesouro. Pode ser tão completa como a apresentação alfabética descrita em 9.2, caso em que a apresentação gráfica tem um papel auxiliar. Em tesouros que cubram domínios especializados, as apresentações gráficas são frequentemente limitadas aos termos dos assuntos centrais, enquanto que na parte alfabética aparecem todos os termos.

9.4.3. A figura 3a) ilustra uma estrutura arborescente. O termo mais lato «CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS» aparece na parte superior do diagrama e os termos específicos são escritos em posição subordinada, sendo as relações hierárquicas indicadas por linhas de ligação. Este tipo de apresentação é mais eficaz quando o desenho é relativamente simples. É por isso que a arborescência não contém notas

NP 4036

1992

p. 42 de 54

explicativas, sinónimos e relações associativas que são remetidas para a parte alfabética. A árvore como um todo é identificada pelo símbolo E 417 que serve de endereço a cada um dos termos, na parte alfabética. Esta contém também termos pertencentes às outras estruturas arborescentes não representadas neste exemplo, como «TELEVISÃO» que pertence a uma estrutura endereçada R 685.

9.4.4. A figura 4a) ilustra um esquema em flecha, onde o termo mais lato «CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS» é colocado em posição relativamente central, com caracteres tipográficos enfatizados. Os termos mais específicos são colocados na grelha, a distâncias cada vez maiores do termo central, segundo o nível de especificidade. As relações de subordinação são expressas por flechas. Os termos relacionados, acompanhados do endereço do seu esquema em flecha, são colocados fora da grelha e a relação é simbolizada por uma linha tracejada. O conjunto é identificado pelo símbolo E 417 e esse símbolo constitui o endereço (ou uma parte do endereço) do termo da parte alfabética [figura 4b)]. Além disso, a posição de cada termo na grelha pode ser identificada por um sistema de coordenadas que se pode acrescentar ao endereço na parte alfabética. Na figura 4b) a parte alfabética contém todas as informações relativas a cada termo e pode servir de tesouro alfabético.

E417

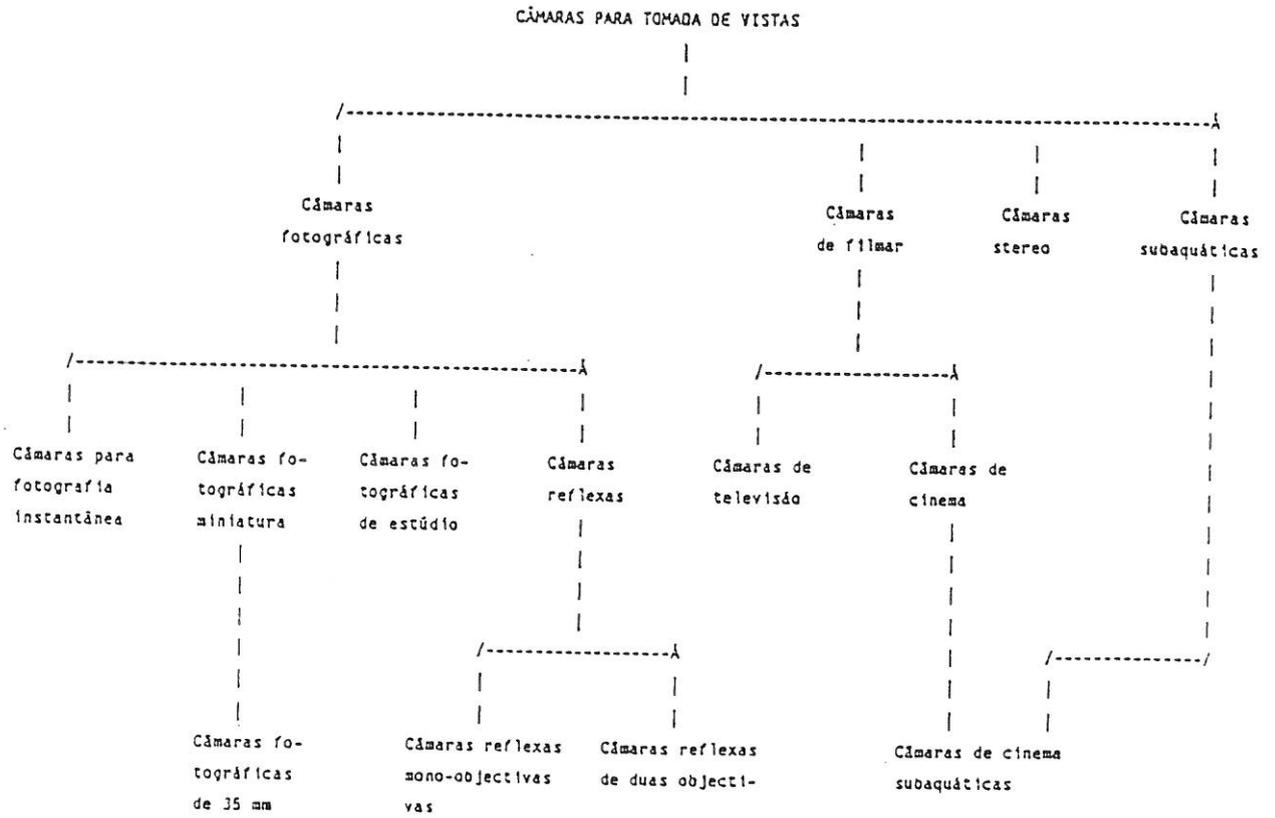


FIGURA 3a) Estrutura arborescente

NP 4036

1992

p. 44 de 54

CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE 35 mm	E 417
CÂMARAS PARA FOTOGRAFIA INSTANTÂNEA	E 417
NE Câmaras fotográficas produzindo directamente uma imagem definitiva	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE ESTÚDIO	E 417
NE Câmaras fotográficas de focagem através de objectiva	
UP Câmaras fotográficas com tripé	
CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	E 417
TR FOTOGRAFIA	R 562
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS MINIATURA	E 417
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	E 417
CÂMARAS REFLEXAS	E 417
CÂMARAS REFLEXAS DE DUAS OBJECTIVAS	E 417
CÂMARAS REFLEXAS MONO-OBJECTIVAS	E 417
CÂMARAS DE FILMAR	E 417
CÂMARAS DE CINEMA	E 417
TR CINEMA	R 668
CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS	E 417
CÂMARAS DE TELEVISÃO	E 417
TR TELEVISÃO	R 685
CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	E 417
TR MERGULHO	T 473
CÂMARAS STEREO	E 417
CINEMA	R 668
TR CÂMARAS DE CINEMA	E 417
FOTOGRAFIA	R 562
TR CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	E 417
MERGULHO	T 473
TR CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	E 417
TELEVISÃO	R 685
TR CÂMARAS DE TELEVISÃO	E 417

FIGURA 3b) índice alfabético da estrutura em árvore

E417 /-*Mergulho T473

a	b	c	d	e	f	g	h	i
7								7
6								6
5								5
4								4
3								3
2								2
1								1
a	b	c	d	e	f	g	h	i

FIGURA 4a) Esquema em flecha

NP 4036

1992

p. 46 de 54

CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE 35 mm	
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS MINIATURA	E 417.a2
CÂMARAS PARA FOTOGRAFIA INSTANTÂNEA	
NE Câmaras fotográficas produzindo directamente uma imagem definitiva	E 417.b5
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE ESTÚDIO	
NE Câmaras fotográficas de focagem através de objectiva	E 417.b4
UP Câmaras fotográficas com tripé	
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
TR FOTOGRAFIA	E 417.d5
TE CÂMARAS DE FILMAR	R 562
CÂMARAS STEREO	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS MINIATURA	
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	E 417.b3
TE CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE 35 mm	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
TG CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	E 417.c4
TE CÂMARAS PARA FOTOGRAFIA INSTANTÂNEA	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE ESTÚDIO	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS MINIATURA	
CÂMARAS REFLEXAS	
CÂMARAS REFLEXAS	
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	E 417.c3
TE CÂMARAS REFLEXAS MONO-OBJECTIVAS	
CÂMARAS REFLEXAS DE DUAS OBJECTIVAS	
CÂMARAS REFLEXAS DE DUAS OBJECTIVAS	
TG CÂMARAS REFLEXAS	E 417.d2
CÂMARAS REFLEXAS MONO-OBJECTIVAS	
TG CÂMARAS REFLEXAS	E 417.c2
CÂMARAS DE FILMAR	
TG CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	E 417.c4
TE CÂMARAS DE CINEMA	
CÂMARAS DE TELEVISÃO	
CÂMARAS DE CINEMA	
TG CÂMARAS DE FILMAR	E 417.f4
TE CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS	
TR CINEMA	
CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS	R 688
TG CÂMARAS DE CINEMA	E 417.g4
TG CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	

FIGURA 4b) Índice alfabético do esquema de flechas

CÂMARAS DE TELEVISÃO	E 417.e3
TG CÂMARAS DE FILMAR	
TR TELEVISÃO	R 685
CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	E 417.e6
TG CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
TE CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS	
TR MERGULHO	T 473
CÂMARAS STEREO	E 417.c6
TG CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
ÇÂMARAS FOTOGRÁFICAS COM TRIPÉ	
USE CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE ESTÚDIO	
CINEMA	R 668.d5
TR CÂMARAS DE CINEMA	E 417
FOTOGRAFIA	R 562.d5
TR CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
MERGULHO	T 473.g5
TR CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	E 417

FIGURA 4b) Índice alfabético do esquema de flechas

NP 4036

1992

p. 48 de 54

10. Gestão da construção do tesouro

10.1. Métodos de compilação

10.1.1. Se possível, deve tomar-se uma decisão quanto à forma do tesouro (listas alfabéticas, apresentação sistemática, apresentação gráfica) antes de coligir e escolher os termos a incluir. Para esta fase inicial da elaboração são possíveis duas abordagens:

a) Método dedutivo

Para aplicar esta técnica, extraem-se termos de documentos no decorrer de uma fase preliminar de indexação sem tentar controlar o vocabulário ou determinar as relações entre os termos, até que se tenha recolhido um número suficiente. Todos os termos são, em seguida, examinados por um grupo de especialistas constituído, de preferência, por indexadores e especialistas do assunto considerado. Estes especialistas devem primeiro identificar os termos que representam as categorias mais genéricas, afectando os outros termos a estas categorias, partindo do geral para o particular. O controlo do vocabulário deve efectuar-se à medida que se vão estabelecendo as categorias, seguindo os princípios descritos de 5 a 7.

b) Método indutivo

Com este método, admitem-se no tesouro os novos termos à medida que vão sendo encontrados nos documentos. Efectua-se o controlo do vocabulário desde o início e cada termo, no momento da sua admissão, é colocado numa ou várias categorias anteriormente estabelecidas. Desta forma o tesouro é construído partindo do particular para o geral. A elaboração do tesouro é considerada desde o seu início como um processo contínuo e, ainda que se deva procurar a assistência de técnicos especialistas, estes não têm necessariamente de fazer parte do grupo formal de redacção.

10.1.2. Na prática, é provável que se empregue tanto o método dedutivo como o método indutivo, num ou noutro momento da construção do tesouro. Por exemplo, as categorias dos termos previamente estabelecidas por indução podem, posteriormente, ser examinadas pelo método dedutivo por um grupo que integre indexadores e especialistas. Estas duas técnicas são essencialmente empíricas e é necessário ter em conta, desde o início, que certas decisões, tomadas no decorrer da primeira fase do trabalho, podem ter de ser revistas à medida que se vai adquirindo uma experiência complementar. A adição de novos termos a uma linguagem de indexação esclarece muitas vezes as decisões precedentes relativas quer aos termos quer às suas relações. Os indexadores devem controlar frequentemente os termos e as hierarquias para se assegurarem que as relações, a subdivisão dos termos compostos, etc., se mantêm de acordo com os princípios gerais utilizados no início. Recomenda-se vivamente que se peça parecer a um especialista no momento da escolha entre sinónimos e variantes de forma de um termo.

10.2. Registo dos termos

Deve conservar-se, por exemplo numa ficha, um registo individual dos termos admitidos num tesouro. Este registo deve ser feito logo que o termo é aceite e deve identificar a fonte (em particular no caso de neologismos e termos pouco familiares), o nome das autoridades consultadas, a data da inclusão bem como as relações com sinónimos, termos genéricos, específicos ou relacionados.

10.3. Verificação dos termos

Quando possível, é necessário verificar se um termo está correcto antes da inclusão, e o indexador deve também examinar as relações entre cada novo termo e

os outros termos da hierarquia à qual este pertence. Quando se têm termos candidatos à inclusão é necessário controlá-los recorrendo a:

- a) dicionários técnicos e enciclopédias;
- b) tesouros;
- c) classificações.

Os especialistas de um determinado assunto devem também ser consultados, especialmente se tiverem alguns conhecimentos de indexação.

10.4. Especificidade

A utilização de termos muito específicos deve ser restringida à essência do domínio coberto pelo tesouro, porque a utilização extensiva destes termos em domínios marginais conduziria a um tesouro pouco manuseável e mal equilibrado (veja-se também 8.2.4). Num organismo que trate documentos que cubram vários domínios, pode ser necessário utilizar vários tesouros especializados, ligados cada um deles a um tesouro geral, menos específico, ficando todos eles compatíveis entre si.

10.5. Admissão e supressão de termos

10.5.1. Os termos e as suas relações devem reflectir, de uma maneira geral, as formas de utilização da língua falada pelos especialistas do domínio coberto pelo tesouro. Se um termo de uso corrente é subdividido para seguir princípios lógicos (veja-se 7.3), é preciso prever uma remissiva da sua forma completa para os termos a utilizar.

10.5.2. Quando se estabelecem hierarquias, em particular durante as primeiras fases do método indutivo, os termos escolhidos que ainda não tenham sido utilizados na indexação entram frequentemente no tesouro com o fim de poderem fornecer pontos de acesso úteis e, eventualmente, poderem vir a tornar-se descritores. Estes termos devem ser assinalados num ficheiro de autoridade com um símbolo especial ou com uma expressão tal como «ainda não utilizado», sendo estes eliminados logo que forem utilizados na indexação de documentos.

10.5.3. No que se refere aos termos muito utilizados bem como aos raramente utilizados, deve prever-se a sua supressão dado que estes dois tipos de termos são geralmente ineficazes na recuperação. Nalguns casos, pode substituir-se um termo muito utilizado por dois ou mais termos mais específicos. Se num tesouro se suprime um termo que já tinha sido utilizado para indexação, o mesmo deve manter-se no tesouro com indicação «só para recuperação» e com a data da supressão.

10.6. Utilização de equipamento para processamento automático de dados

10.6.1. Na presente Norma é suposto que a escolha dos termos, da sua forma, etc., releva de decisões intelectuais por parte dos indexadores. Pode utilizar-se o apoio de um computador para algumas das tarefas, como as que a seguir se indicam:

- a) Identificação automática de termos candidatos, a partir da leitura feita pelo computador, por exemplo dos títulos e dos resumos. O número dos termos potenciais será em primeiro lugar reduzido através da utilização de uma lista de palavras vazias, sendo os outros termos comparados àqueles já integrados no tesouro. Os termos não reconhecidos podem ser considerados como potenciais candidatos para inclusão;

- b) Em sistemas de indexação automática, a frequência de utilização de um termo na indexação (e também talvez de recuperação) pode ser registada automaticamente. Os termos que apresentem frequências muito elevadas ou muito baixas de utilização devem ser considerados como candidatos a supressão.

10.6.2. Os equipamentos electrónicos e os programas disponíveis podem, por vezes, impor limitações a certas características do tesouro. As características que a seguir se indicam são as mais susceptíveis de ser afectadas:

- a) O número de caracteres autorizados para um termo;
- b) O jogo de caracteres, incluindo a pontuação, disponível na impressora;
- c) O número de níveis na apresentação sistemática.

Os indexadores devem ter acesso aos equipamentos e programas com capacidade para o tratamento das necessidades especiais dos tesouros. Não deve ser necessário adaptar o tesouro ao funcionamento de uma máquina inadequada.

10.7. Forma e conteúdo de um tesouro

10.7.1. Não se pode recomendar uma apresentação normalizada para um tesouro impresso em face das múltiplas possibilidades de apresentação (veja-se 9.). Contudo, devem distinguir-se as partes seguintes:

- a) página de título;
- b) índice;
- c) introdução (veja-se 10.7.2);
- d) apresentação sistemática ou gráfica, conforme o caso;
- e) apresentação alfabética.

10.7.2. Todos os tesouros devem conter uma introdução completa, indicando claramente os pontos seguintes:

- a) objectivo do tesouro;
- b) o ou os domínios cobertos, distinguindo os domínios marginais dos domínios centrais;
- c) o significado de todas as convenções, abreviaturas e símbolos;
- d) o número total dos termos, de descritores e não-descritores;
- e) as regras adoptadas na escolha dos termos preferenciais e suas inter-relações;
- f) as regras de ordenação utilizadas seguindo, se possível, as Normas nacionais ou internacionais (a citar);
- g) o sentido dos sinais de pontuação utilizados na forma não normalizada; h) as regras de política de actualizações e o nome e endereço do organismo responsável para onde se podem enviar comentários e sugestões;
- i) data da introdução do último termo.

Sempre que possível estes pontos devem ser ilustrados com exemplos.

10.8. Questões diversas relativas à edição

10.8.1. Notificação de intenção

Quando um organismo decide publicar um novo tesouro, a notificação de intenção deve ser anunciada num jornal profissional apropriado.

10.8.2. Evitar trabalho em duplicado

O organismo deve assegurar-se, de preferência, junto a uma das entidades abaixo indicadas, se existe já um tesouro que cubra o mesmo domínio ou parte deste. É raro encontrar-se uma duplicação exacta de um dado domínio, mas o acesso a um ou vários tesouros de domínios afins pôde muitas vezes ser um ponto de partida útil.

10.8.3. Depósito junto de um centro de orientação para a informação

O organismo deve depositar um exemplar da primeira edição e de todas as edições seguintes na entidade nacional apropriada e nos seguintes centros de orientação para a informação internacionais:

ANEXO Símbolos para as relações do tesauro
(Este anexo faz parte integrante da Norma)

A.1 Ao longo da presente Norma utilizaram-se os símbolos seguintes para exprimir as relações básicas dos tesauros:

Relação de equivalência

USE precede o descritor

UP precede o não-descritor

Relação hierárquica

TT Termo de topo

TG Termo genérico

com as seguintes distinções suplementares

TGG Termo genérico genérico

TGP Termo genérico partitivo

TE Termo específico

com as seguintes distinções suplementares

TEG Termo específico genérico

TEP Termo específico partitivo

Relação associativa

TR Termo relacionado

Em tesauros publicados noutras línguas, encontrar-se-ão símbolos equivalentes (veja-se 4.2).

A.2 Estes símbolos adquiriram, graças a uma utilização generalizada, o estatuto de convenções normalizadas, mas estão, por outro lado, extremamente dependentes da língua utilizada. Nos organismos onde se faz indexação e que trabalham com utilizadores de diferentes línguas e aqueles que constroem tesauros multilingues, poderão preferir um sistema de símbolos mais neutro ou mesmo independente da língua utilizada. O quadro seguinte, estabelecido pela ISO, é dado como um sistema possível.

Símbolos	Significado
	Relação de equivalência
=	Símbolo que precede: a) o termo preferencial b) o não-descritor
	Relação hierárquica
<	Símbolo que precede: a) o termo genérico
>	b) o termo específico
≦	c) o termo genérico partitivo
≧	d) o termo específico partitivo
	Relação associativa
-	Precede os termos relacionados
+	Combinação
	colocado entre dois termos significa que estes se devem utilizar em combinação para representar uma noção complexa.

Alguns destes símbolos não aparecem nos teclados normalizados das máquinas de escrever, mas estão disponíveis em muitas impressoras de computadores e podem ser reproduzidos sem dificuldade em tesouros compostos manualmente ou por fotocomposição.

A.3 Estas convenções são destinadas, unicamente, a representar as relações em tesouros impressos. Em tesouros suportados por sistemas automatizados (disco ou banda) elas podem ser expressas por qualquer combinação de caracteres, desde que as convenções sejam respeitadas na forma impressa.

Índice

	pág.
0. Preâmbulo	3
1. Objectivo e campo de aplicação	4
2. Referências	5
3. Definições	5
4. Abreviaturas e símbolos	6
5. Controlo do vocabulário	8
6. Termos de indexação	8
6.1. Generalidades	8
6.2. Forma dos termos	9
6.3. Escolha da forma singular ou plural	11
6.4. Homógrafos ou polissemos	13
6.5. Escolha dos termos	13
6.6. Notas explicativas e definições	16
7. Termos compostos	16
7.1. Generalidades	16
7.2. Termos que devem ser mantidos na forma composta	18
7.3. Termos que devem ser decompostos sintacticamente	19
7.4. Ordem das palavras nos termos compostos	22
8. Relações básicas num tesauro	22
8.1. Generalidades	22
8.2. Relação de equivalência	22
8.3. Relação hierárquica	24
8.4. Relação associativa	28
9. Apresentação dos termos e suas relações	32
9.1. Generalidades	32
9.2. Apresentação alfabética	33
9.3. Apresentação sistemática	35
9.4. Apresentação gráfica	41
10. Gestão da construção do tesauro	48
10.1. Métodos de compilação	48
10.2. Registo dos termos	48
10.3. Verificação dos termos	48
10.4. Especificidade	49
10.5. Admissão e supressão de termos	49
10.6. Utilização de equipamento para processamento automático de dados	49
10.7. Forma e conteúdo de um tesauro	50
10.8. Questões diversas relativas à edição	50
11. Referência à normalização internacional	51
ANEXO Símbolos para as relações do tesauro	52